

**UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA
INSTITUTO DOM JOSÉ DE EDUCAÇÃO E CULTURA – IDJ**

JOSÉ ELENILSON SILVA

**AS RAZÕES DA INDISCIPLINA DOS ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL II
NA ESCOLA MUNICIPAL MANOEL PEREIRA DE OLIVEIRA**

Fortaleza – CE

2017

**UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA
INSTITUTO DOM JOSÉ DE EDUCAÇÃO E CULTURA – IDJ**

JOSÉ ELENILSON SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado como requisito para a obtenção
de nota final no curso de Licenciatura em
Pedagogia pela Universidade Estadual do
Acaráú- UVA e Instituto Dom José de
Educação e Cultura – IDJ.

Prof.^a orientadora
Ms. Elisângela Maria de Oliveira Sousa.

Fortaleza – CE

2017

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Título do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

AS RAZÕES DA INDISCIPLINA DOS ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL II NA ESCOLA MUNICIPAL MANOEL PEREIRA DE OLIVEIRA

Nome do graduando

JOSÉ ELENILSON SILVA

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Me. Elisângela Maria de Oliveira Sousa.

-Orientadora-

Profa. Dr. Benedito Francisco Alves.

-1º Examinador-

Prof. Mestrando Francisco Jeimes de Oliveira Paiva.

-2º Examinador-

DATA DA DEFESA: 24/06/2017.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	04
2.	REVISÃO DE LITERATURA	05
3.	METODOLOGIA	16
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
	REFERÊNCIAS	19

AS RAZÕES DA INDISCIPLINA DOS ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL II NA ESCOLA MUNICIPAL MANOEL PEREIRA DE OLIVEIRA

JOSÉ ELENILSON SILVA

Resumo

Esse trabalho de conclusão de curso tem a finalidade de realizar uma revisão de literatura sobre a indisciplina escolar. De início, fez-se um estudo dos motivos que geram a indisciplina de modo a facilitar um entendimento desse problema na sala de aula e indicar estratégias de aprendizagem que valorizem o discente, tornando-o crítico, criativo e que possa agir na sociedade de forma cidadã. A indisciplina está presente nas salas de aulas e na retórica da gestão escolar, dos docentes e familiares (e/ou responsáveis). Com a conclusão desse estudo, pretende-se desenvolver um novo olhar sobre a indisciplina não como algo pejorativo, mas como um desafio a superar em prol da aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Falar da indisciplina é algo controverso, e conseqüentemente um assunto desconfortável aos olhares de muitos que fazem parte da educação de nosso país. O professor deve analisar que o fracasso dos alunos está diretamente ligado a ele, pois não há ensino se não há aprendizagem e a falta de motivação e de um detalhado planejamento leva os alunos a se dispersarem ou a evadir, este fato leva a indisciplina escolar. Talvez porque as transformações no processo de ensino estão acontecendo e muitos educadores não conseguem acompanhar e acabam na rotina, ou por falta de apoio da gestão escolar e ou por não terem o apoio maior das autoridades competentes.

O estudo é voltado não para dizer quem são os culpados pela falta de disciplina na maioria de nossos alunos, mas visa refletir acerca dos métodos para melhor compreender essa problemática. Será uma tarefa árdua e muito difícil que deve envolver (direção, professores, alunos, pais e comunidade), a fim de fazer da escola um lugar dinâmico e de puro aprendizado.

A escola visa o aprendizado formal e deve oferecer ao corpo discente liberdade de expressão e companheirismo, resgatando a capacidade de desenvolvimento pessoal, profissional e social. Para isso, o professor é fundamental, pois ele é o porta-voz ativo, já que deve conhecer o seu aluno, o que deseja, o que faz, as qualidades, os defeitos e o que pensa da escola, daí a instituição em seu contexto geral pode e deve oferecer aos discentes caminhos de responsabilidades.

Será mais um de muitos desafios que compete à escola, porém prazeroso quando se tratando de vidas futuras para um mundo dinamizado e quando parte do princípio de que a função da educação é, fundamentalmente, transmitir os valores de uma cultura e socializar indivíduos para se tornarem cidadãos em suas sociedades.

Nessa perspectiva, serão abordados alguns assuntos: as causas da indisciplina escolar; os fatores que contribuem com a indisciplina escolar; o papel da família na escola; a função do professor; a relação afetiva entre professor-aluno; o papel da escola.

O presente artigo tem como objetivo conhecer as razões da indisciplina dos alunos no Ensino Fundamental II da Escola Municipal Manoel Pereira de Oliveira localizada em Alto Vermelho no Município de Ibicuitinga-Ce, indicar estratégias de aprendizagem que valorizem o discente, tornando-o crítico, criativo e que possa agir na sociedade de forma cidadã e apresentar métodos que venha a facilitar a ação docente e discente no âmbito escolar. Assim sucintamente a aprendizagem irá acontecer durante o processo de ensino.

REVISÃO DE LITERATURA

AS CAUSAS DA INDISCIPLINA ESCOLAR

Os fatores externos; a situação social, a desestruturação familiar, a sociedade, dentre outros; todos esses aspectos precisam ser levados em consideração dentro do espaço escolar, ademais, entende-se que a escola em parceria com familiares ou responsáveis precisam refletir sobre as situações de indisciplina no contexto escolar. Muitas vezes a instituição acaba julgando o aluno como ruim e não procura saber as

causas da indisciplina, assim a relação que é para existir acaba muito antes de ter começado e as partes serão prejudicadas no processo e desenvolvimento da aprendizagem.

Os fatores internos; aulas não atraentes, a falta de respeito entre professor e aluno, o não acompanhamento dos pais aos filhos na escola, conversar, mexer-se, falar palavrão, ser agressivo, não usar uniforme, não trazer material, não ter interesse ou compromisso, não ter respeito, não ter educação, são alguns fatores que causam a indisciplina. Sendo conveniente dizer que estudos realizados por Freller (2001, p. 132, *apud* MENDES, 2008), tanto os fatores externos, quanto os internos devem ser trabalhados na escola sem que fiquem lacunas, uma vez que é na escola onde o aluno quando se é instruído aprende a ter uma boa relação com o próximo e claro, a viver melhor no meio social.

Portanto ouvir, compreender e interpretar aquilo que é de interesse do outro é fundamental para que o diálogo venha acontecer, e as partes possam procurar caminhos que solucione o desejo de todos. De igual maneira, na análise psicológica de qualquer enunciado só chegamos ao fim quando descobrimos esse plano interior último e mais encoberto do pensamento verbal: a sua motivação. A comunicação acontece então, quando são realizadas trocas e se cada interlocutor se dispõe a compreender o outro, além daquilo que este consegue verbalizar, o que implica considerar a sua subjetividade na confluência de sentidos subjetivos que emergem na situação relacional.

Então, de acordo com o exposto, não basta saber do que está acontecendo é preciso entender o porquê do acontecido. Assim a comunicação acontece e o diálogo prevalecerá em ambas às partes sem que haja prejuízo.

OS FATORES QUE CONTRIBUEM COM A INDISCIPLINA ESCOLAR

O avanço tecnológico, onde os alunos a cada dia procuram interagir ao mundo digital e os docentes em sua maioria ainda não conseguem se englobar a essa nova era, onde na maioria das vezes não sabem o que fazer. Entrar na era digital é reconhecer que estamos em um mundo cada vez mais globalizado e informatizado e, de uma forma ou outra, o pensamento contemporâneo já vem sendo produzido com os

recursos tecnológicos. Isso significa dizer que a escola não pode se distanciar dessa nova situação, enfatiza Justo (2010, p. 29).

Isso não quer dizer que se deve excluir a escola e o professor em seu papel educacional ou formativo, mas destacar a necessidade de ambos acompanharem o seu tempo histórico. (BOARINE, 2013, p.128). Diz que:

O grande problema que se evidencia na maioria das escolas é que mesmo com todas essas mudanças ocorridas na instituição e nos membros que a compõem, ainda há docentes que seguem tão somente a linha tradicional de ensino. Onde na maioria das vezes os alunos acabam deixando de vivenciar e fazerem valer seus conhecimentos que podem transformar o espaço escolar. (BOARINE, 2013, p. 128).

Outro fator que contribuiu imensamente para a indisciplina é o fato de os pais passarem menos tempo com os filhos, pois:

Por várias questões e, principalmente, as econômicas a “dona de casa” foi obrigada a ir para o mercado de trabalho, ocasionando uma “fenda” no tempo para com os filhos, não permitindo o acompanhamento mais de perto do desenvolvimento em relação a questões de valores para as crianças. Instala-se uma verdadeira crise de autoridade na educação. (PIMENTA, 2012, p. 19).

Por passarem pouco tempo com as crianças, muitos pais não colocam limites nos filhos, não sabem dizer “não”, por consequência, as crianças chegam às escolas cada vez mais carentes, agressivas, sem saberem ouvir, esperar, respeitar o outro e as regras que são impostas. Ainda, segundo Rego (1996, p. 97).

A família, entendida como o primeiro contexto de socialização, exerce, indubitavelmente, grande influência sobre a criança e o adolescente. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que influenciam o comportamento da criança na escola. (Rego, 1996, p. 97).

Neste sentido, o autor defende a ideia de que é na família que acontecem as primeiras noções de disciplina, de ordem e de socialização. A família exerce enorme influência sobre as atitudes e os comportamentos que as crianças apresentam na escola.

O PAPEL DA FAMÍLIA NA ESCOLA

Estar perto de seu filho fazendo com que ele se sinta importante e acompanhar constantemente o seu desenvolvimento no processo ensino aprendizagem, não brincar de faz de conta sem o acompanhamento necessário durante a busca de conhecimento que também é de responsabilidade da família.

Para os pais é essencial que os mesmos exerçam devidamente seus papéis no que diz respeito à educação de seus filhos, pois é no convívio familiar que criança busca confiança para o mundo adulto, um caminho longo mais prazeroso quando este é enriquecido por várias descobertas, onde a família faz desses um aprendizado para seus filhos. De acordo com o UNICEF (1999), “Para um desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança deve crescer num ambiente familiar, numa atmosfera de felicidade, amor e compreensão”. (UNICEF, 1990, *apud* SOUZA, 2008, p. 9). Além disso, na família existem propósitos comuns e cada pessoa tem a certeza de que pode contar com a outra, sendo, portanto, o núcleo do desenvolvimento humano. A família seria o primeiro lugar onde o sentido das regras e a disciplina deveria ocorrer.

Costuma-se dizer que a família educa e a escola ensina, ou seja, à família cabe oferecer à criança e ao adolescente a pauta ética para a vida em sociedade e a escola instruí-lo, para que possam fazer frente às exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência (OSORIO, 1996, p. 82).

É na família que os filhos devem buscar o sentimento de pertencimento, para não buscarem uma identidade emprestada em comportamentos muitas vezes inadequados existentes em outros ambientes. Assim está sempre acompanhando o desempenho deles na escola é fundamental. É valioso que a família caminhe junto com a escola para que a criança perceba a sua importância, isso não para amedrontar mais para que ela possa se sentir valorizada. Claro, que seja assim de maneira passional sem aquela intervenção direta, deixar a criança a vontade é fundamental, ter contato com o outro é significativo onde ela aprende a ser recíproca, a considerar a diversidade e aprender a respeitar as diferenças.

A família deve conhecer seu filho e a escola as diversidades, porém o segredo de saber conhecer está na oportunidade de oferecer a si mesmo a possibilidade de se conhecer. Essas relações educativas não se constroem apenas com palavras ou

regras, que são aliadas, mas nunca poderão substituir o exemplo de vida do pai e da mãe. A família desempenha um importante papel no comportamento dos alunos, ou seja, na construção de limites ou de valores, e que para alguns simplesmente desconhecem.

Então é importante que o trabalho realizado na escola tenha continuidade na família. Os professores se deparam diariamente com alguns alunos que não respeitam, não valorizam, não tem consideração com o mestre. A melhor maneira de transmitir ensinamentos e comportamentos é vivê-los e testemunhá-los diante do filho. Pai, mãe podem ensinar por meio de princípios de verdade, exemplos de honestidade e franqueza ao filho.

A FUNÇÃO DO PROFESSOR

Sair do comodismo de suas ações, daquele modelo tradicional onde ele é o dono do saber, onde o aluno só escuta sem direito de resposta e permanece sentado tentando muitas vezes absorver o que está sendo falado, um professor que acredita nas potencialidades do aluno, que está preocupado com sua aprendizagem e com seu nível de satisfação, exerce práticas de sala de aula de acordo com essa posição, que torna as aulas agradáveis e atraentes, que sabe se expressar de forma que todos entendam que induz à crítica, a curiosidade e à pesquisa, que faz o aluno participar do ensino. (CHAUÍ, *apud* BOARINI, 2013, p. 128).

O professor deve buscar primeiramente conhecer os motivos para o ato indisciplinar, investigando os problemas que podem estar ligados a indisciplina e estimular os responsáveis por esses alunos a participar da vida escolar de seus filhos/responsáveis, o que deste modo favoreceria em um clima propício a aprendizagem, levando os alunos ao entendimento de disciplina como conseguir cumprir com suas responsabilidades como cidadão; tendo como foco a formação da criança/ jovem como um ser social.

O professor precisa transformar o espaço escolar em um lugar prazeroso, ele, deve ministrar suas aulas deixando-as mais atraente, deve considerar o aluno um ser capaz de aprender, de conhecer, de transferir conhecimentos, e não de ser apenas

mais um a procura de algo perdido. O professor deve ser o transformador das ações embutidas em cada aluno, resgatando aquilo que está intrínseco e trazer a sua realidade em forma de conhecimento. Segundo Antunes (1999, p. 56), ensinar nunca foi fácil e todo professor precisa se descobrir um eterno aprendiz; quando falta essa disposição, falta o verdadeiro sentido de semeador de amanhã.

É fato que no processo de aprendizagem todos precisam se conhecer e o aluno a parte tão importante, necessita de cuidados especiais a que venha fortalecer a sua alta capacidade de aprender. Mas, contudo o docente deve buscar o apoio da instituição de ensino, como a aplicação de projetos educativos a fim de melhorar a realidade que aflora o dia a dia da educação. O professor precisa encarar a indisciplina como algo a ser resolvido e não pronto e acabado.

Se uma aula não está rendendo, o professor pode parar tudo e conversar com a turma tentando descobrir novas maneiras de trabalhar. Se for difícil trabalhar o período inteiro com uma turma muito grande, muitas vezes a opção é fazer um trabalho em grupo, trocar o tipo de aula. O grito é uma forma de se exercer o poder, mas não resolve o problema. É preciso resolver os problemas pela sua raiz; verificar os motivos e trabalhar em cima deles. Segundo Freire (1996).

Somente quando o professor voltar o olhar criticamente sobre a sua ação pedagógica é que será capaz de perceber os seus acertos e desacertos e com isso transcender de um ativismo prático às práxis verdadeiras e com isso concretizar mudanças no seu pensar e agir docentes. Com Freire insistimos que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (FREIRE, 1996, p. 44).

Os educadores precisam ser mais convenientes com pensamentos únicos e não cada um lhes dar de um jeito com os problemas, assim uma imagem de incoerência é passada para os alunos. Logo a necessidade de políticas educacionais eficazes é urgente, mas também se os professores não entenderem que a disciplina depende de um profundo processo de inclusão dos alunos através do respeito e da cordialidade para com eles, evidenciando o ser humano em seu estágio mais simples, a educação não passará de um joguete de culpabilização das partes, o que não ampliará os mecanismos para lidar com a indisciplina. Portanto, o “professor tem que estabelecer

uma relação de maior proximidade, deve tentar ver o que realmente está acontecendo” (Vasconcellos, 1999, p. 137).

Afinal, a escola é um lugar não somente de ensino e de aprendizagem, mas da construção de valores humanos que permitam conscientizar o aluno e dar-lhe noção de pertencimento.

A RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR-ALUNO

A relação professor-aluno é condição essencial do processo da construção da aprendizagem, pois dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Como em todo relacionamento, a relação entre educador e educando também precisa se fundamentar na afetividade e desejar vivenciar essa realidade no cotidiano escolar. Martinelli (2005) fala que a escola deve:

Propiciar um ambiente favorável à aprendizagem em que seja trabalhada a autoestima, a confiança, o respeito mútuo, a valorização do aluno sem, contudo esquecermo-nos da importância de um ambiente desafiador, [...] mas que mantenha um nível aceitável de tensões e cobranças, são algumas das situações que devem ser pensadas e avaliadas pelos educadores na condução do seu trabalho. (Martinelli 2005, p. 116).

A relação professor-aluno pode acontecer de maneira conflituosa, pois se baseiam no convívio de classes sociais, culturais, valores e objetivos diferentes. Essa troca deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o discente para seu crescimento interior, fortalecer-lhe, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser ministrado.

Os educandos nos dias atuais estão em constantes conflitos consigo mesmos, buscando sua autoconfiança, tornando-se necessário ao educador desdobrar-se para que a disciplina seja mantida, e consiga deixar a criança atenta ao conteúdo, despertando-lhe interesse em aprender. É preciso haver uma preocupação também com o lado emocional e o afetivo, o que facilita a aprendizagem. Segundo Libâneo (1994), o professor não transmite apenas informações ou faz perguntas, ele também deve ouvir os alunos (p. 251).

A afetividade influencia o processo de aprendizagem, facilitando-a, pois nos momentos informais, os alunos aproximam-se do professor, trocando ideias e

experiências, expressando opiniões e criando situações a serem utilizadas em sala de aula. O relacionamento fundamentado na afetividade torna-se um elo produtivo, alicerçando professores e alunos na construção do conhecimento e tornando a relação menos conflitante, permitindo o conhecimento entre as partes envolvidas, possibilitam o conhecimento e a descoberta como seres humanos oportunizando desta forma o crescimento mútuo: (SALTINI, 2008, p. 69), menciona que:

O educador não pode ser aquele que fala horas a fio a seus alunos, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar ideias e colocá-las ao serviço de sua própria vida. (SALTINI, 2008, p. 69).

Saltini (2008) explica que o educador deve manter um diálogo afetivo constante com o aluno, para assim compreendê-la melhor e se for o caso através do diálogo diagnosticar alguma dificuldade de aprendizagem. E que por meio do diálogo pode se moldar o aluno para uma vida de princípios e valores, principalmente nos dias atuais, onde o individualismo está tão presente. Ao professor, cabe, então, fornecer ao discente, meios de utilizar seu pensamento para crescer, libertar-se e sair da submissão do seu pensamento em relação à outra pessoa.

Outro ponto essencial a ter em mente é o de que o professor não pode ter dúvidas sobre o que seja de fato sua autoridade para que ela não se pareça, como acontece muitas vezes, como autoritarismo e também, em contrapartida, não propicie a total ausência de lei, impedindo a disciplina, que é necessária ao aprendizado, e organização de qualquer trabalho. Nesse sentido, Freire (1998), refere-se.

O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever de professor no exercício de minha autoridade. E mais, a prática educativa é: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje (FREYRE, 1998, p. 161).

Essa relação de afeto e carinho deve estar presente dentro e fora da sala de aula. A partir do momento em que ocorre a comunicação do professor com os alunos de forma afetiva, a aprendizagem tornar-se-á propositadamente significativa, dependendo da maneira em que o educador apresenta-se e expõe suas aulas, despertará nos educandos, o gosto ou a repulsa pela disciplina.

O que se busca é um professor reflexivo e crítico, que compreenda as necessidades e sentimentos de seus alunos. Vale ressaltar que o professor não precisa derreter em afetos. Basta, muitas vezes, um olhar, um sorriso, um toque. O aluno precisa sentir-se importante, necessita de elogios.

Nos dias atuais, mais do que nunca o professor precisa ser um Super-Professor. Já não existe mais espaço para aquele velho professor tradicional, apático. Hoje ele precisa ser dinâmico, pesquisador, flexivo, surpreendente, para dar vida aos seus alunos. Deve fazer florir o gosto pelo novo, sair da mesmice. O educador tem em mãos a grande missão, a de encantar uma enorme platéia que nem sempre está apta a ouvir e participar das aulas, uma vez que, quase sempre, o mundo fora dos muros da escola é bem mais atraente que o quadro e o giz de que o professor dispõe.

O ambiente escolar é a continuação do lar, portanto, a escola não pode limitar-se apenas a fornecer conhecimentos conceituais, mas deve contribuir para o desenvolvimento da personalidade de seus discentes. A influência mais importante no processo escolar é exercida pelo professor, então é essencial que ele compreenda a origem do desenvolvimento emocional e o comportamento do discente em todas as suas manifestações. O ser humano está em constante formação. Assim, numa relação não autoritária, onde o crescimento é estimulado, o professor também aprende enquanto ensina e, enquanto aprende o aluno também ensina. Nesse contexto, o professor que ouve e respeita o ponto de vista de seus alunos, deixa de ser um instrutor ou treinador para transformar-se em educador:

O bom professor é que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma 'cantiga de ninar'. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas do seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, apud Neide Moy, 1998, p. 96).

Portanto, para o educador, o educar deve ser uma arte, uma ciência e um conjunto de meios que utilizará para alcançar seus objetivos. Através de alguns subsídios, torna-se fácil conduzir este processo de aprender a raciocinar, a refletir e a usar sua própria criatividade e imaginação. Um planejamento crítico e sujeito à mudanças, um acompanhamento contínuo, uma avaliação diversificada, um diálogo

aberto e participativo e uma boa dose de afeto, contribuem para a formação de um profissional de sucesso.

O PAPEL DA ESCOLA

De buscar métodos que possibilitem a resolução dessa problemática. É importante lembrar que a escola é um lugar de discussões, reflexões, de alunos críticos, e não um ambiente de agressões físicas e verbais. É importante que escola aceite a “nova escola”, no qual é vista como uma escola democrática, onde o educador é mediador e não o impulsor de regras estabelecidas, sem a abertura para a participação de todos. Segundo Costa (1997, p.12), Muitas vezes o que os alunos querem é um pouco de atenção, de uma aula instigante, interessante e desafiadora.

A escola deve oferecer o conhecimento científico, e promover a relação entre as relações sociais e o conhecimento. Por sua vez as famílias são responsáveis pelo desenvolvimento social e psicológico de seus filhos, devem estabelecer a interação com a escola, questionando, sugerindo, promovendo e interagindo de forma a fornecer auxílio nos desafios da escola e possuir elementos que através de discussões e ampla comunicação com os educadores promovam as iniciativas que vão de encontro às necessidades do educando. Seguindo esse pensamento Piaget (1927 *apud* Jardim 2006). Afirma que:

Deve haver uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais, pois certamente isso resulta em uma informação mutua, ou seja, este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e conseqüentemente no aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola, com a vida particular dos alunos, envolvendo seus pais/responsáveis, proporcionando aos pais a aproximação e maior entendimento pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades entre pais e professores. (Piaget 1927 *apud* Jardim 2006).

Assim como a formulação de possíveis metodologias de trabalho a que venham facilitar o trabalho do professor e a aprendizagem dos alunos, tornando então o ensino atraente. A concepção da Escola Nova de Dewey propõe somar as experiências

externas ao ambiente escolar às formas de conhecimento sistematizadas, trabalhando a educação em sua forma plena e significativa. A centralidade do processo de conhecimento está no desenvolvimento de competências e habilidades dos alunos.

Esses são produtores de seu conhecimento, as escolas deixam de caracterizar o docente como figura central no processo educacional e deslocam o foco para o aprendem-te e para sua cultura, o professor deixa de ser a fonte do saber e passa a mediar formas de conhecimento, ajudando o aluno na tradução desses saberes e na compreensão do mundo. Porém a escola deve dar abertura para o diálogo com seus alunos e com a comunidade, precisando sair do anonimato de suas ações, de seus projetos, enfim precisa ser mais incisiva quanto a sua real função.

Nessa perspectiva a educação tem uma função social fundamental à formação de adultos dignos e capacitados para o mercado de trabalho. A escola deve ser um local privilegiado, onde pensar, buscar e conhecer não é proibido, muito pelo contrário é posto essencial quando queremos conhecer o desconhecido para assimilar ao nosso aprendizado, pois trabalha com a formação cidadã. Enfrentar esses maus comportamentos não é fácil, é preciso muito cuidado e temos que ter bastante jogo de cintura, pois, são pessoas que imaginam estarem corretas e daí dialogar torna-se essencial para que os causadores dessa problemática reconheça o verdadeiro papel da escola.

É importante, também, a escola pensar na necessidade da elaboração de um projeto educativo, que nasça do diálogo entre pai, mãe e outros envolvidos, levando em conta o tempo, as interações e influências sociais. É válida que a escola trabalhe os valores inerentes a criança, pois servem como orientação para a maneira como conduzimos nossas vidas e fazemos nossas escolhas. Esses valores são caracterizados como qualidades que identificam o homem, pois se revelam diariamente em suas ações. Mas o que fazer para melhorar o convívio em sala? Não há uma receita única, mas algumas práticas merecem atenção. Conflitos são importantes para o desenvolvimento da turma, sendo uma oportunidade para trabalhar regras e valores.

Eles não devem ser remediados, mas discutidos. Os problemas que ocorrem na escola podem ser divididos em dois grandes grupos: as manifestações perturbadoras e as de caráter violento. Os exemplos citados no decorrer deste texto fazem parte do

primeiro, e são chamados de incivildades, termo usado para nomear pequenos conflitos que desrespeitam as normas de boa convivência. As intervenções para lidar com as incivildades têm de fazer parte do planejamento de gestores e docentes. “É preciso criar um ambiente cooperativo e amistoso”.

Assim, diretores, professores, alunos e toda comunidade escolar precisam fazer em caráter privilegiado, todo espaço educacional.

METODOLOGIA

O presente estudo será desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, onde serão descritos alguns conceitos e definições sobre o tema, buscando enfatizar os fatores relacionados com a temática proposta. Para começar a amenizar a indisciplina, todos devem se envolver, todas as áreas em torno da educação e todos buscarem um mesmo paradigma. O trabalho exigiu muito estudo, compreensão e interpretação, baseando-se em artigos científicos que trouxe um embasamento teórico para a realização deste artigo.

O mesmo necessitou de muita teoria e prática que na ocasião veio facilitar a produção escrita. Foram feitas de início a busca de vários artigos, logo em seguida foram selecionados os que estavam coerentes com o tema e posteriormente iniciar-se a leitura das informações contidas. Também foi observada pela a vivência cotidiana a forma comportamental dos discentes para um melhor desempenho na escrita do tema proposto. Contudo percebi o quanto é importante e fundamental a fundamentação teórica na realização de um trabalho de pesquisa.

Assim com a exatidão e conceitos dos vários motivos que leva a indisciplina e o que podemos fazer enquanto docente para mudar essa realidade o trabalho torna-se concluído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações aqui apontadas devem ser vistas como uma análise que possa vir contribuir para a melhoria do processo de ensino aprendizagem dos alunos e para

um olhar crítico, construtivo e transformador do educador com relação à Indisciplina em sala de aula. A educação vem passando por diversas transformações em que os desafios que nos são colocados fazem com que repensemos nossa prática pedagógica diariamente. E como o tema é um desafio, um problema, é importante que os educadores (toda a comunidade escolar) busquem informações, pesquisem, discutam tenham isso como um objetivo, uma meta a ser conquistada para trilhar caminhos e alternativas para solucionar e acabar com a indisciplina em sala. Afinal quando for resolvido será bom para todos. Desvincular-se das estratégias antigas, faz-se necessário neste novo olhar perante a indisciplina, certamente os atos indisciplinados reduziram, devemos levar em conta que a geração mudou, e com ela as atitudes também mudaram.

Hoje utilizar das estratégias antigas, não enriquece em nada no trabalho docente, pois o professor que visa proporcionar aos seus alunos um ambiente de cooperação e interação, buscando valorizar as diferentes ideias de seus alunos, auxiliando seus alunos a percorrer um caminho que levará a aprendizagem participativa, não faz uso do autoritarismo, e na suposta aceitação de regras rígidas (Passos, 1996). Os alunos que reconhecem seus direitos como cidadão, muitas vezes não tem consciência do seu comprometimento com seus deveres de cidadão, em especial ao se tratar dos cumprimentos das normas da escola, em geral das disciplinas existentes.

A escola e a família devem ser parceiras, de modo que a escola incentive os pais dos alunos a incentivar seus filhos ao estudo e a tudo que passa na escola, mostrando a importância do apreender para o futuro e levando-os a compreender que sem o compromisso e comprometimento em prestar atenção e seguir as ordens propostas pelo educador, não dá para aprender satisfatoriamente.

Compreendi então, que as hipóteses levantadas, sobre o comportamento de indisciplina, podem ser modificadas de acordo com algumas condutas a serem tomadas pelo professor, diversos fatores auxiliam na prevenção e no abandono do ato indisciplinar, como os aspectos afetivos na relação professor/aluno podem favorecer a disciplina; confirmo que o meio social no qual o indivíduo convive em especial a sua

família, afeta diretamente no seu comportamento, gerando a disciplina ou a indisciplina escolar.

Concluí que a partir da pesquisa bibliográfica, o objetivo principal do trabalho foi atingido, pois conhecer as razões da indisciplina e o comportamento da criança/adolescente é fundamental. E que a escola e família têm certa interação. Os autores aqui citados esclarecem que a família é à base do desenvolvimento social da criança, a aquisição das regras é conquistada pela faixa etária como também pelo estímulo do meio, o ambiente social e especialmente o relacionamento com seus pais e com outras pessoas, contribuem para formação da personalidade.

Espero que este trabalho possa servir como auxílio aos educadores e afins, contudo possa ter colaborado com as discussões e reflexões do tema proposto e venha servir de leitura inicial, ressaltando que a pesquisa não termina aqui, pois há muito a que se discutir sobre o termo indisciplina escolar.

REFERÊNCIAS

BANALETTI Samara Marina Menin & DAMETTO Jarbas. **Indisciplina no contexto escolar: causas, consequências e perspectivas de intervenção**, 2015. Disponível em: <http://www.ideal.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/284_1.pdf > Acesso em 16/02/2017.

BARBOSA, Fernanda Aparecida Loiola. **Indisciplina escolar: Diferentes olhares teóricos**, 2009, Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2748_1737.pdf> Acesso em 16/01/2017.

GESTÃO LEGAL, 2009. Disponível em: <<http://gestaoposse.blogspot.com.br/2009/06/indisciplina-dos-alunos-do-6-ao-9-ano.html?m=1> > Acesso em 16/01/2017.

SGANZELLA, Natália Cristina Marciola. **O ambiente escolar e a indisciplina no ensino fundamental**, 2012. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.fira.edu.br/revista/reec_vol2_num1_pag44.pdf&gws_rd=cr&ei=Tn8pWaXUE8iMwgSa17SIDw> Acesso em: 16/02/2017.

SOUZA, Oralda Adur de. **Relações Familiares**. Curitiba: Sefe, 2008.